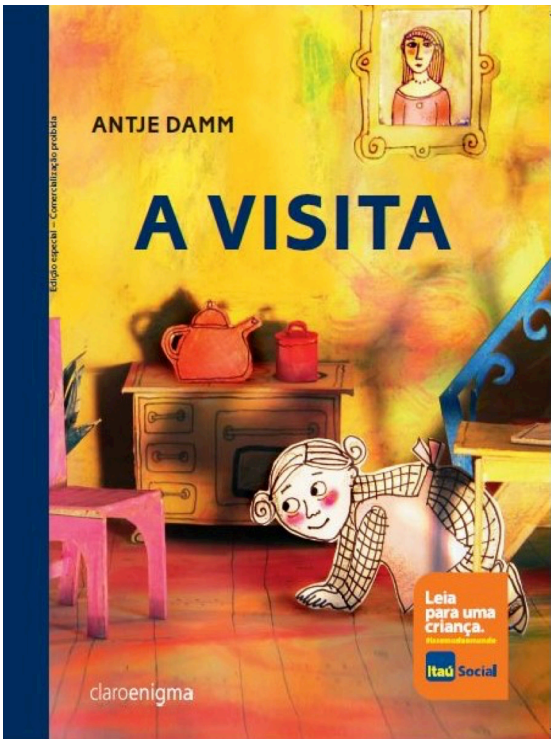
Abrir a porta do livro: um convite inesperado para brincar

Por Carina Castro

Escolhi o livro "A visita" de Antje Damm para fazer a resenha de finalização da oficina 'Um brinquedo chamado livro', facilitada por Fabiano Fernandes Garcez. O livro, ilustrado pela própria autora alemã, foi publicado no Brasil pela Editora Claro Enigma e traduzido por Sofia Mariutti. A edição que possuo – que faz parte da iniciativa "Leia para uma criança", do Itaú Social – teve primeira reimpressão em 2020.

O livro conta a história de Elise, aparentemente uma senhora, que vive sozinha. Muito medrosa, "ela tinha medo de aranha, medo de gente e até medo de árvore", por isso nunca saía de casa. Certo dia aparece um objeto estranho em sua casa que a deixa em pânico. Era um avião de papel, que no dia seguinte foi resgatado por seu dono, a tal visita anunciada no título da obra. O encontro entre Elise e o menino curioso, chamado Emil, que entra em cena inesperada e inocentemente para buscar seu brinquedo, gera uma transformação no ambiente e na vida da senhora solitária e medrosa. E, assim, através de diálogos, brincadeiras e interações que conversam com o que há na casa, quebra-se a barreira do medo e nasce uma amizade.



Embora o formato da obra seja um retângulo na vertical, é explorada a horizontalidade ao expandir pelas folhas duplas todas as ilustrações do livro, construindo assim o cenário da história. É muito interessante, pois as ilustrações montam, de fato, um cenário: figuras bidimensionais e

tridimensionais feitas e desenhadas em papel e papelão arquitetam a casa de Elise, seus móveis, plantas, livros, utensílios e até os próprios personagens. Há também um jogo de luz e sombras, preto & branco e cores saturadas que fazem dessa casa – que é o próprio livro – uma espécie de caixa onde a luz é projetada de fora para dentro, alterando a luminosidade do seu interior. Tudo começa totalmente em p&b na primeira página e vai ganhando muitas luzes e cores, até terminar totalmente colorida na última página. O texto é escrito em fonte simples, sempre aparece por cima das imagens, ocupando paredes, chão e teto da casa. A edição sobre a qual escrevo foi impressa em papel couché, com capa em um papelão de fina gramatura e efeito brilhoso.

A escolha dessa obra foi motivada por toda sua construção. A autora, também arquiteta, cria um enredo muito sensível. Através de um diálogo inter-geracional se resgata as cores da casa e da vida da personagem Elise: por conta de uma traquinagem – a invasão do avião (chamo aqui atenção para o brinquedo de papel) – ela foi levada a abrir sua casa para um desconhecido e compartilhar suas memórias, seus livros. Já Emil, através da linguagem própria da infância, leva a senhora a entrar em suas brincadeiras. A mesma sensibilidade se encontra também no projeto gráfico, que dialoga com os

acontecimentos da história e inova na técnica de ilustração, feita a partir de uma maquete fotografada. Uma casinha de brinquedo é a estrutura do livro, que sustenta lindamente o enredo, e talvez seja todo livro uma porta que se abre para que possamos entrar e brincar com suas palavras, imagens e quem sabe, subir no telhado, ter o próprio livro como um brinquedo.